

As potências irracionais e as racionais em Metafísica Theta 2

The irrational and the rational potencies in Metaphysics Theta 2

Pedro Fonseca Tenorio
Doutorando PPGF/UFRJ
Bolsista CAPES

Resumo: A noção de potência é explicada largamente no livro *Theta* da *Metafísica*, no qual uma importante distinção é feita ao longo do segundo capítulo: aquela entre as potências irracionais e as potências racionais. Este artigo procura apresentar a exposição feita por Aristóteles sobre estes dois conceitos, cuja diferença reside principalmente na capacidade de a potência irracional atualizar em apenas um sentido de contrário, enquanto que a potência racional pode fazê-lo nos dois sentidos.

Palavras-chave: potência irracional; potência racional; *lógos*

Abstract: The notion of potency is largely explained at the book *Theta* of the *Metaphysics*, within which an importante distinction is made along the second chapter: that between the irrational and the rational potencies. This articule tries to give an account of the exposition Aristotle gives about this two concepts, with the main difference between laying in the possibility the irrational potency has to actualize itself in only one way of the contraries and the rational potency being able to actualize itself in both ways.

Keywords: irrational potency; rational potency; *lógos*.

1. O primeiro sentido de potência (*dýnamis*)

De acordo com o modo de se conhecer as coisas da realidade, procedendo daquilo que é mais acessível a nós e do que é mais simples para o que é mais cognoscível por natureza e o que é mais complexo, Aristóteles procura o sentido mais eminente de potência, em grego *dýnamis*, logo no início do livro *Theta*. Ao largo, são deixadas as noções de potência que assim se são chamadas por mera homonímia para alcançar a definição do sentido basal de *dýnamis*, da qual outros sentidos serão derivados. A definição corre como: *princípio de mudança em outro ou em si mesmo enquanto outro*¹. Por este princípio temos a indicação de que sua posse por um determinado agente confere poder a este mesmo agente para provocar uma mudança em outra coisa. Ao mesmo tempo, este mesmo agente pode engendrar uma mudança em si mesmo, mas, neste caso, sofreria a ação não como agente, mas como paciente. No caso em que isto ocorre, a potência confere ao agente da mudança um caráter recíproco no seu afazer, uma vez que é, ao mesmo tempo, agente e paciente, embora em sentidos diferentes. Pois, quando se diz que pode exercer uma ação em si mesmo, não é o caso que o agente seja, no mesmo sentido, o paciente da ação. O princípio não é desencadeado pelo agente em si mesmo como si mesmo, mas como outro.

O sentido de *dýnamis* passiva pode ser facilmente derivado como o “*princípio de mudança passiva por obra de outro ou de si mesmo enquanto outro*”², ou seja, a capacidade que determinado ente possui de sofrer mudanças através da ação de outro. Uma reciprocidade parecida com aquela do princípio ativo pode ser vista neste caso, só que agora o foco ocorre no caráter passivo da potência, quando pode sofrer uma ação por parte de si mesmo, não enquanto si mesmo, mas em sentido diverso. A potência passiva reduz-se e se refere à ativa por quando ocorrer qualquer mudança é preciso que haja um agente e uma potência ativa para a execução da ação sobre um paciente da posse de uma potência passiva. Ainda do sentido dominante de *dýnamis*, podemos derivar o terceiro princípio, que é a

¹ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1046a 10-11.

² ARISTÓTELES; *Metafísica* 1046a 11-13.

“capacidade de algo não sofrer mudanças para pior, nem destruição pela ação de outro ou de si mesmo enquanto outro por obra de um princípio de mudança”³, um princípio que poderíamos chamar como o

de resistência. Diferentemente da reciprocidade dos outros dois princípios, a medida, neste caso, não é a da ação que um agente pratica e que um paciente sofre, antes é a da capacidade de não se sofrer ação para pior, de maneira que se torna embaçada a identificação de um agente e de um paciente envolvidos na ação, mesmo quando implicados em um mesmo ente., ao mesmo tempo em que é o paciente que resiste à mudança. Os dois princípios de mudança e este princípio de resistência são ou praticados por um agente ou sofridos por um paciente que tem sobre si uma mudança realizada por obra de um agente. Tais princípios podem ocorrer de duas maneiras: “... elas são ditas potências ou porque são potências de agir ou padecer simplesmente, ou de agir e padecer bem.”⁴. Uma delas é o que Aristóteles considera como um ocorrer simplesmente: uma maneira de a ação ou de a mudança desencadeadas pelo princípio se darem sem que as suas qualidades sejam exemplares ou as que melhor se adequam à situação. Um exemplo disso é quando dizemos de um homem que, ao dar passos desiguais e mancos, ele não anda. De fato, ele anda, mas não desempenha a tarefa de modo adequado ou em grau de excelência. Da mesma forma, dizemos de uma madeira verde ou molhada que ela não queima, quando, na verdade, ela queima, mas com extrema dificuldade. Nos dois casos, a realização da ação com uma qualidade baixa é tomada como se ela não fosse, na verdade, realizada. Daí dizermos que o homem não anda ou que a madeira não queima.

Quando a prática de uma ação ou o desencadear de uma mudança ocorre de maneira adequada atingindo um grau de excelência, dizemos que a ação ou a mudança ocorreram bem e atribuímos, assim, o advérbio *bem* à ação ou à mudança realizadas. Aristóteles recorre a esta distinção na *Ethica Nicomachea* 7, 1098a 5-12, no momento em que buscava a tarefa própria ao homem que bem realizada o tornaria feliz. No argumento do *érgon*, o exemplo

³ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1046a 13-15.

⁴ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1046a 16-17.

ilustrativo da comparação entre um tocador de lira e um bom tocador de lira, mostra que a diferença entre eles está justamente na qualidade da ação desempenhada. O mero tocador de lira produz música simplesmente, ou seja, sem atingir a excelência da prática daquela ação, ou, pelo menos, sem exercê-la de modo adequado. O bom tocador de lira, por sua vez, recebe o adjetivo de bom, pois realiza a prática musical de maneira adequada, alcançando um grau de excelência que faz jus à sua qualificação. Para recorrer ao mesmo exemplo da madeira, quando vemos que a lenha crepitando à lareira e fazendo com que a chama brilhe intensamente enquanto o fogo consome o seu combustível, dizemos que ela é ótima para a fogueira e que ela queima bem. E vemos que o modo de uma potência ser exercida simplesmente está incluído no modo dela ocorrer bem, pois, ao dizer que algo ocorreu bem, está implícita a noção de que algo ocorreu. Nestes dois casos também percebemos a referência ao sentido primeiro de *dýnamis* ativa, uma vez que esses modos são os das potências ocorrerem, e as potências, tanto passiva quanto a de resistência, se referem ao sentido dominante.

Do que foi apresentado, Aristóteles comenta em 1046a 19 que, em certo sentido, as potências ativas e passivas são as mesmas e, em outro sentido, que elas são diferentes. A identidade das duas ocorre quando dizemos que “*uma coisa tem potência seja porque ela mesma possui a capacidade de padecer por obra de outra, seja porque outra coisa pode padecer por obra dela*”⁵. Ou seja, dizer que algo tem potência pode servir para indicar que uma coisa tem a capacidade de exercer uma ação sobre outra coisa e que, esta que sofrerá a ação, tem a capacidade de sofrê-la. No caso da semelhança entre as duas, há a necessidade de um elemento extrínseco às duas potências que suporte a identificação entre as duas. Sabemos de uma potência através do exercício ou das ações desencadeados por ela. Nada mais justo do que ser o exercício mesmo o meio para a identificação das duas potências. Por exemplo, o caso da capacidade ativa que o fogo tem de ferver a água e o da água que tem a capacidade passiva de ferver. Ao ferver da água pelo fogo temos um exercício praticado pela chama através de sua capacidade ativa de

⁵ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1046a 20.

fazer a água alcançar 100° centígrados e da capacidade passiva da água de ferver. Assim, podemos dizer que, de acordo com o exercício de que dissemos, a capacidade ativa de algo fazer alguma coisa ferver é a mesma que a capacidade passiva de algo ferver por obra de outro. Isso não implica que para algo ter uma capacidade ativa deve existir, no mesmo momento, aquilo sobre o qual irá exercer esta capacidade, isto é, um paciente, como, de um construtor, dizemos que ainda possui a capacidade de construir, mesmo sem ter os tijolos e o cimento em mãos; ou vice-versa. Por outro lado, isso não significa que uma potência possa pertencer a alguém sem que exista a potência correspondente de qualquer maneira. Significa apenas que, mesmo sendo um conceito relacional, no qual se faz referência mútua entre os dois termos, há uma certa independência das duas potências. Uma vez preenchidas as condições necessárias à realização da ação, ele pode voltar a construir a casa e, neste momento da construção, poderemos dizer que a potência de se construir casas é a mesma em relação ao construtor e aos tijolos e o cimento.

Esta característica nos leva ao segundo sentido aludido por Aristóteles de que a potência ativa é distinta da potência passiva. Isto se deve ao fato de que a potência passiva, nós encontramos no paciente, como ocorre com o óleo que tem a potência passiva de queimar ou até mesmo na cera, cuja potência passiva é a de derreter e ceder quando pressionada por outro objeto. A potência ativa é encontrada naquele que pode provocar uma mudança em outro. Num agente que aquece ou num agente que constrói uma casa podemos encontrar a potência ativa de aquecer e a potência ativa de construir casas. Tomadas nelas mesmas, em referência ao sujeito que as possui, as potências são bem distintas uma da outra e independem do exercício e da existência do agente ou do paciente correspondente. Ao final desta passagem, Aristóteles faz uma ressalva quanto ao princípio que mostrou: algo que é em si mesmo uma unidade natural não pode ter distinção entre uma parte agente e uma parte paciente, o que significa que não pode imprimir uma mudança como agente e sofrê-la como paciente através de uma mesma potência e como o mesmo sujeito. Mas vemos que um médico cura-se a si mesmo. Neste caso, o paciente que é curado é outro que não o que cura, seguindo a própria definição do sentido de *dýnamis* como capacidade de mudança em

outro ou em si mesmo enquanto outro. O sentido de *dýnamis* que o médico enquanto agente ativo de uma mudança possui é o sentido *kýrios*, o princípio ativo. E, uma vez que as potências ativas e passivas de um determinado exercício ou ação, como a cura no caso médico, devem se encontrar em sujeitos diferentes, não poderia um mesmo sujeito que tem um princípio ativo ter um passivo da mesma ordem, ao menos que coincida, de maneira acidental, o mesmo sujeito como paciente e doutor. Apenas dessa forma, um médico pode curar-se a si mesmo.

2. *As potências irracionais e as potências racionais*

No segundo capítulo de *Theta*, Aristóteles desenvolve a investigação deste princípio considerando-o a partir do modo como e de acordo com o lugar no qual ele se encontra. Primeiro de tudo, a distinção entre algumas potências se dá pelo fato de elas se encontrarem em seres inanimados e em seres animados. Após essa distinção quanto ao sujeito portador da *dýnamis*, Aristóteles apresenta diferença essencial entre os dois tipos: “*E enquanto as potências racionais são as mesmas para ambos os contrários, cada uma das irracionais é potência de um único contrário.*”⁶ A composição dos seres animados é de corpo e alma, sendo este último o elemento que os distingue dos seres inanimados. Os princípios de mudança que se encontram nos corpos dos seres inanimados não se diferem dos que estão presentes nos seres animados, assim, Aristóteles acrescenta que há princípios de mudança também na alma. Os seres vivos possuem almas que realizam diversas funções, às quais são conferidas a unidade de parte ou tipo de alma. Existe a alma nutritiva que cumpre a função de nutrição e crescimento, que define os seres vegetais. Tem a alma perceptiva, cuja função é perceber o alimento, o que provoca a movimentação em direção à comida e que é própria dos animais. Diz-se muitas vezes sobre os dois tipos de alma, que não se diferem muito quanto às suas capacidades de agir e padecer mudanças dos seres que não têm alma, cujas ações são originadas quase que por impulso

⁶ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1046b 4-6.

natural. Mas há uma parte da alma que possui o *lógos*, o princípio racional, que tem domínio sobre os seus atos, cuja função a distingue das outras partes e faz seu possuidor diferente dos outros seres. É nessa parte ou tipo de alma em que se encontram também potências (*dynámeis*). Esta distinção vale muito, pois os princípios se diferem entre um e outro de acordo com o local onde residem e conforme o seu exercício, ou não, segundo o princípio racional. Uns serão ditos *dynámeis áneu lógou* ou *dynámeis álogoi*, potências irracionais, se se encontrarem em seres sem o princípio racional ou nas partes da alma que não o possuem. Outros princípios de mudança serão chamados *dynámeis racionais*, potências racionais, se se encontrarem na parte racional da alma.

2.1. As potências irracionais (*dynámeis áneu lógou*)

As potências irracionais são aqueles princípios que podem realizar ou padecer uma mudança em apenas um dos dois contrários. Os exemplos nas passagens de *Metafísica Theta 2* se referem à capacidade que o quente possui de ser potência apenas de esfriar. Em vários textos além dos de *Metafísica Theta*, Aristóteles utiliza uma variação grande de termo para indicar as potências ativas e passivas dos agentes e pacientes que as possuem. Quando referidos a potências ativas faz uso dos “predicados de força” indicando a capacidade ativa de algo gerar uma mudança em outro; em outros momentos, o filósofo emprega os “predicados disposicionais” para indicar a potência passiva que algo tem de sofrer uma mudança por obra de outro. Assim o fogo é dito como o que tem poder de queimar e a madeira como a que tem o poder de ser queimada, ou, se preferirmos, os modos como Aristóteles os emprega como o queimável, o esquentável, o fundível, o flexível. A definição que vimos de *dýnamis* é que ela é um princípio de mudança que requer a relação com o outro. Isso significa que, apesar de existir uma certa independência entre as *dynámeis*, as potências precisam de seus correspondentes ativos ou passivos para que se provoque uma mudança. O portador da *dýnamis* ativa, o agente, requer a presença do portador da *dýnamis* passiva, o paciente, para poder desencadear a mudança que seu poder pode provocar. O fogo,

que tem a capacidade de aquecer, precisa da presença da gasolina, um combustível inflamável, para por em ação a sua capacidade. O contrário também procede, pois a gasolina requer o fogo para a sua combustão. A potência passiva de ser queimada da gasolina corresponde à potência ativa de queimar do fogo. Toda vez que uma potência ativa encontra com uma potência passiva correspondente, sem que haja nenhum impedimento, nas condições adequadas e em conformidade com os seus poderes, necessariamente o agente age e o paciente sofre⁷, ocorrendo, neste caso, uma mudança. O acionamento de uma potência ativa sobre a outra potencia passiva ocorre entre as qualidades opostas dentro de um mesmo gênero e, quando um se encontra com o outro, faz com que ele torne semelhante a si:

Pois é uma lei da natureza que corpo seja afetado por corpo, sabor por sabor, cor por cor, e assim, em geral, o que pertence a qualquer espécie por um membro do mesmo gênero – a razão sendo que ‘contrários’ estão, em todo caso, dentro do mesmo gênero, e é seu ‘contrário’ que age e sofre uma ação reciprocamente.(ARISTÓTELES; *De Generatione et Corruptione* 323b 33-324a 3.)

A passagem nos indica que o que irá desencadear uma mudança é uma contrariedade presente em cada um dos envolvidos na ação. A qualidade contrária que desencadeia a mudança é o elemento responsável pelas potências ativas e passivas dos agentes e pacientes. Assim o agente e o paciente precisam ser idênticos em um sentido e diferentes em outro, devem pertencer a um mesmo gênero e se diferenciarem na espécie. A contrariedade que existe em cada uma das espécies é uma das categorias que pertencem ao sujeito que as porta, participando das características que individualizam cada ente. No tratado das categorias, vemos que é necessário um *hypokeímenon*⁸ que sirva como substrato para cada uma das categorias, sendo que ele não pode jamais receber duas categorias contrárias ao mesmo tempo com

⁷ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1048a 5-7.

⁸ ARISTÓTELES; *Categorias* 1a 1 e ss.

risco de cair em uma contradição⁹. Ou seja, cada um daqueles que possuem uma potência possuirão apenas um dos contrários. Com isso, podemos dizer que as potências ativas e passivas agem de acordo com as formas ou qualidades que têm neles mesmos. A ação ocorre quando um agente com uma *dýnamis* ativa de certa contrariedade encontra aquele paciente com a potência passiva de uma contrariedade correspondente, ou seja, agente e paciente do mesmo gênero, mas em espécie distintas, sem que nada adverso e nenhum impedimento existam, nas condições adequadas. Então, o agente necessariamente faz o paciente semelhante a ele, fazendo com que o outro tenha a mesma qualidade que a sua, compartilhando a sua contrariedade e produzindo um efeito a partir de seu único contrário. O calor, que tem

a capacidade de aquecer, faz o que tem a capacidade de ser esquentado que aqueça. Em alguns textos¹⁰, Aristóteles remete às quatro forças básicas (o quente, o frio, o úmido e o seco) a causa eficiente dos movimentos que ocorrem entre os seres. Todo movimento pode ocorrer em uma cadeia causal e, assim, os movimentos mais complexos são reduzidos às constituições entre os elementos básicos da natureza.

2.2. As potências racionais (*dynámeis metá lógou*)

As *dynámeis metá lógou*, ou as potências racionais, são contrárias às irracionais e estão presentes apenas nos seres que têm alma. Como existem muitos tipos de alma, e como verificamos que nem todos os que têm alma possuem as potências racionais, isso significa que estas potências só podem se encontrar em um tipo ou em uma parte da alma mais especificamente só as encontramos na parte da alma que possui *lógos*, o princípio racional. Todas as potências que se encontrarem na parte da alma que possui *lógos* agirão de acordo com este princípio racional e serão chamadas de potências racionais ou *dynámeis racionais*. Aristóteles nos afirma: “... *por isso, todas as*

⁹ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1006a 1 e ss.

¹⁰ ARISTÓTELES; *De Generatione et Corruptione*.

*artes e as ciências produtivas*¹¹ são potências: de fato, são princípios de mudança em outro ou na própria coisa enquanto outra.¹² As artes produtivas, como as da construção de casas, cujas ações imprimem uma forma em uma matéria externa a quem produz, e as ciências morais e a da lógica, que não produzem nada sobre uma matéria exterior, são chamadas potências racionais, pois agem ou produzem a partir ou de acordo com o *lógos*, e porque são o princípio de mudança em outro ou em si mesmo enquanto outro. Esta determinação de princípio de mudança é o sentido ativo de potência através do qual se produz alterações em outro.

As *dynámeis* *metá lógou* ou *racionais* são diferentes das *dynámeis áneu lógou* ou *irracionais* em pelo menos dois sentidos. O primeiro é que elas não existem simplesmente por natureza e não são potências inatas, como, por exemplo, as capacidades sensoriais dos animais, que, em geral, são potências. As potências racionais são adquiridas ou pelo exercício e pela prática ou pela instrução e pelo aprendizado. No outro sentido, é que estas potências se fundam no *lógos*. Este termo é utilizado por Aristóteles nas passagens de *Metafísica Theta 2* em pelo menos quatro contextos distintos: com relação à parte da alma que tem *lógos*; dito das potências associadas ao *lógos* e de outras não associadas; o *logos* em relação ao conhecimento, sendo conhecimento uma capacidade que envolve a posse de *lógos*; o *lógos* se referindo àquilo que se apreende do objeto conhecível, o *lógos* como definição, descrição. O contexto de uso do termo *lógos* determina a sua tradução dentre as diversas possibilidades existentes. Mas sempre caem, no contexto de *Metafísica Theta*, em um dos dois seguintes casos: 1 – *lógos* se refere a algo externo ou expresso. Neste sentido, pode-se compreender *lógos* como uma definição, uma descrição sobre algo da realidade, ou, entendendo o significado de maneira

¹¹ Ross considera que em *Metafísica* 1046b 3, o termo *kai* é explicativo e, portanto, todas as ciências produtivas seriam técnicas. Já St. Tomás, em seu comentário à *Metafísica*, considera que as técnicas de produção que se servem de matéria externa e as ciências morais e lógicas, que não se utilizam de matérias externas, são referidas em tal passagem.

¹² ARISTÓTELES; *Metafísica* 1046b 2-4.

mais geral, pode ser um argumento, uma discussão, um discurso, fala ou linguagem. Por exemplo, apresentar um *lógos* do fogo seria dizer o que ele é especificamente; ou, o *lógos* do fogo é a descrição da natureza do fogo. 2 – *lógos* se refere a algo interno, como a capacidade da alma que consiste em apreender os *lógoi* do sentido número 1. Assim, temos *lógos* a capacidade da alma, o princípio racional, que pode ser compreendido, apesar dos problemas de diferença entre as línguas, como razão, racionalidade e pensamento. (MAKIN. S. 2006, p. 38)

A união de sentido que se verifica entre os diversos contextos em que o termo *lógos* aparece e entre os dois principais sentidos dentro dos quais as variedades dos outros se enquadra se faz pela razão de que as potências que se localizam na parte racional da alma são também racionais elas mesmas. A alma possui uma parte que tem *lógos*, cuja habilidade é apreender o *lógos* das coisas e é também ela origem de mudança. Cada potência que se localizar nesta parte racional da alma envolverá a apreensão do *lógos* das coisas da realidade e será um princípio de mudança. Assim, toda e qualquer potência que se localize nesta parte racional da alma terá como função a apreensão de um *lógos* através do processo racional que o *lógos*, entendido como capacidade da alma de apreensão de *lógos* ou definições da realidade, possibilita e a produção e o desencadeamento de uma mudança, graças à alma, que possui nela mesma o princípio de mudança. De acordo com o objeto apreendido e em função dos objetivos a que se propõem, existirão ciências e técnicas distintas. O que irá diferenciar as *dynámeis racionais* das *dynámeis irracionais* é a capacidade que as primeiras têm de desencadear, produzir mudanças ou atualizar suas potências com abertura para os dois contrários. Veremos isto melhor mais adiante. Antes, discutiremos como as potências racionais são adquiridas.

O modo como as potências existem entre os seres e como as temos ou as adquirimos pode ser verificado em *Metafísica Theta 5* ao lermos que algumas delas são congênicas e inatas e outras são tidas através de exercício ou instrução. Na seguinte passagem: “*De todas as potências existentes, algumas são congênicas – por exemplo, os sentidos -, outras são adquiridas pelo exercício – por exemplo, a de tocar flauta -, outras ainda são adquiridas pela instrução – por*

exemplo, as artes.”¹³. A segunda parte desta passagem do início de *Metafísica Theta 5* apresenta a condição necessária para a posse das potências que são adquiridas pelo exercício ou pela instrução: uma atividade precedente: “*Para possuir as potências que se adquirem pelo exercício e pela instrução é necessário uma atividade precedente; ou contrário, para as outras, e também para as passivas isso não é necessário.*”¹⁴.

A maneira como adquirimos as potências que não nos são inatas é ou pelo exercício ou pela instrução, mas é preciso que aqueles as terão sejam já adaptados por natureza a recebê-las. Nenhum hábito que desenvolvemos surgiu em nós por natureza, mas também não o temos contra ela, pois o que existe naturalmente não pode formar um hábito contrário à sua natureza. O que conseguimos adquirir pelo exercício ou pelo aprendizado não é nem contra a natureza e nem por natureza. De fato, pode-se dizer que somos antes adaptados por natureza a recebê-las e nos tornamos perfeitos pelo hábito e pelo exercício¹⁵. As potências que temos em nós por natureza, temos antes mesmo de exercitá-las, como notamos com a capacidade que temos de enxergar que, antes mesmo de vermos qualquer coisa, já a temos em nós¹⁶. E não foi por enxergar mais vezes e com mais afinco que passamos a possuí-las e as tornamos perfeitas pelo uso, mas já as temos antes de usá-las. No entanto, com “... *as virtudes dá-se exatamente o oposto: adquirimo-las pelo exercício, como também sucede com as artes.*”¹⁷. Muitas coisas com que não nascemos e que não se geraram em nós por natureza, as temos e as adquirimos por outros meio que não os de nossa constituição de nascença, mas pelo aprendizado, pelo exercício e pelo hábito as tornamos melhores em nós.

Não vai contra a nossa natureza aquilo que adquirimos ao longo de um processo de aprendizado, antes depende da possibilidade que ela nos lega com a nossa adaptação para receber novas capacidades. Tudo aquilo que aprendemos e tudo aquilo o que temos de aprender antes para se poder fazer depois, aprendemos fazendo. O exercício faz a interiorização em nós do que se aprende e a criação da

¹³ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1047b 31-33.

¹⁴ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1047b 33-35.

¹⁵ ARISTÓTELES; *Ethica Nicomachea* 1103a 23-26.

¹⁶ ARISTÓTELES; *Ethica Nicomachea* 1103a 26-31 e *Metafísica* 1049b 19-23.

¹⁷ ARISTÓTELES; *Ethica Nicomachea* 1103a 31-32.

potência correspondente para podermos praticar o aprendizado quando quisermos e do melhor modo possível. Os homens tornam-se arquitetos construindo casas e os tocadores de lira aprendem a tocá-la tocando-a. Através da repetição do exercício e, por conta da capacidade natural que temos de aprender, conseguimos desenvolver em nós a potência de um afazer.

A capacidade de cada homem para qualquer operação requer um aprendizado, que, por sua vez, precisa que o aluno já tenha em si mesmo a capacidade de aprender, natural a qualquer ser humano, que temos desde o nosso nascimento. O que aprendemos pode ser transmitido por um professor ou por nós mesmos como autodidatas. O fundamental é que exista neste processo o exercício que formará a capacidade em nós. Por exemplo, o construtor que recebeu as primeiras instruções de alvenaria é capaz de construir uma casa. Mas esta casa não terá as paredes retas, o piso será mal colocado, as portas não fecharão corretamente, o telhado terá goteiras quando chover e as janelas não estarão alinhadas uma com a outra, ou seja, o pedreiro só tem ainda a capacidade para construir uma casa de maneira imperfeita. Apenas com o exercício e a prática ao longo do tempo lhe proverá a capacidade de construção perfeita de uma casa. Antes que se possa considerar que uma pessoa tenha de fato uma potência racional adquirida, podemos identificar dois momentos nos quais o ser humano possui, em certo sentido, capacidades que estão dispostas à aquisição da capacidade de realização de operações, como a de construir uma casa. Há, primeiro de tudo, as disposições naturais de quem aprende como uma capacidade de aprendizado; e há também a mera¹⁸ *dýnamis* da construção de casas através da qual a habitação não é concluída com perfeição por falta de habilidade do operário. A aquisição de uma *dýnamis* racional por um processo de aprendizado conta ou com alguém que já possui perfeitamente a potência que ensina, ou seja, é alguém que possui a ciência e a transmitirá a outra pessoa; ou com a repetição do exercício da potência que, no entanto,

¹⁸ Cf. ROSS, W. D.; *Aristotle's Metaphysics*; vol. II; pg. 261.

será inicialmente imperfeito passando à perfeição ao longo do tempo e com a prática. Estes dois modos indicam que deve existir algo que é em ato ou atualizado anteriormente para se gerar a potência correspondente. No processo de geração algo atual move aquilo que será gerado. E, neste processo, tudo o que está sendo gerado ou vindo a ser já, de certo modo, veio a ser¹⁹. No caso do aprendizado, quem está aprendendo uma técnica ou uma ciência conseguiu, de certo modo, aprender alguma coisa e adquirir a potência e disso já pode fazer uso, ainda que imperfeitamente. Somente após ter aprendido totalmente a técnica e adquirido de igual modo a potência, o sujeito pode atualizá-la e alcançar os fins a que visa de maneira perfeita.

Aristóteles faz referência a esta diferença entre os estados pelos quais as potências passam antes de serem totalmente adquiridas na passagem da *Ethica Nicomachea*²⁰ quando expõe a dúvida de que, se alguém deve se tornar justo e temperante através de atos justos e temperantes, significa que quem os pratica já é justo e temperante antes mesmo da prática dos atos, da mesma forma que ocorre com quem faz coisas em concordância com as leis da gramática e da música.

O que acontece em todos estes casos é que a pessoa já é capaz de praticar estas ações, mas o faz de maneira imperfeita, sem o grau de excelência e, principalmente, sem o domínio do que se está praticando, requisitos pelos quais se poderia considerar que o resultado são de fato atos justos e temperantes ou que os textos apresentam correção gramatical e que as músicas são belas. Os estudantes e iniciantes nestas artes e ofícios possuem um arremedo da potência e a atualizam ou mal ou por acaso ou por imitação, sem o domínio da técnica. Aristóteles pretende mostrar com isso que o domínio e a aquisição das *dynámeis* requerem a sua prática, o seu exercício, o hábito. Um homem que realmente possua o conhecimento da gramática será capaz de produzir trabalhos de acordo com a excelência que o conhecimento permite, ao contrário daquele que não possui o conhecimento gramatical correto, que irá produzir trabalhos por qualquer meio que não o do conhecimento, a partir de uma potência, que produz um trabalho de gramática de maneira gramatical.

¹⁹ A prova deste argumento está em *Física* III e, como explicação, vale conferir o comentário à *Metafísica* de St. Tomás, §.1853-55.

²⁰ ARISTÓTELES; *Ethica Nicomachea* 1105a 17-26.

Podemos dizer que alguém possui um saber ou uma potência racional por alguns critérios: 1 – pela aplicação da potência; esta precisa ter como resultado algo com certa qualidade que deve ser alcançado com base na potência ou conhecimento que o agente possui²¹; 2 – pelo critério da capacidade de ser ensinar e transmitir a outro este conhecimento ou potência pela capacidade de comunicação verbal da potência, “... o que distingue quem sabe de quem não sabe é a capacidade de ensinar.”²²; 3 – a técnica é o que se aprende pelo exercício e pelo ensino teórico, neste caso, dizemos que alguém a tem por ele já ter repetido inúmeras vezes a atividade correspondente²³ e por ser capaz de explicar as causas daquilo que foi alcançado pela atividade da potência²⁴; 4 – alguém possui uma técnica ou potência quando esta potência permanece no sujeito do mesmo modo por muito tempo e é difícil de ser removida²⁵. Em resumo, podemos dizer que alguém possui a técnica ou potência racional ou alguma das *dynámeis racionais* a partir do momento em que ele a adquirir depois de um longo tempo se dedicando ao exercício e absorvendo o hábito da prática. Ao passo que, pode-se dizer que um objeto possui potências irracionais ou *dynámeis áneu lógou* na medida em que ele tem uma certa constituição física.

Os dois tipos de potências, as *dynámeis metá lógou*, as racionais, e as *dynámeis áneu lógou*, as irracionais, tanto ativas quanto passivas, existem de certo modo independentes e não é obrigatória a presença constante das correspondentes potências para que algo as possua. Toda vez que as condições estiverem preenchidas e as potências irracionais correspondentes ativas e passivas se encontrarem, então, necessariamente, a potência ativa será acionada e provocará uma mudança naquele que tem a potência passiva. Quando o fogo e a madeira chegam perto um do outro, nas condições adequadas e sem nada atrapalhar, o fogo provoca a queima necessariamente da madeira. Para as potências racionais não é o mesmo o que ocorre pelo motivo de que elas são potências abertas

²¹ ARISTÓTELES; *Ethica Nicomachea* 1105a 27-28 e 1105b 1-2.

²² ARISTÓTELES; *Metafísica* 981b 7-8.

²³ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1049b 29-32.

²⁴ ARISTÓTELES; *Metafísica* 981b 5-6.

²⁵ ARISTÓTELES; *Categorias* 8b 29-32 e 9a 4-10.

para a atualização de ambos os contrários, como no caso da medicina, que pode produzir seja a saúde, seja a riqueza: “*E enquanto as potências racionais são as mesmas para ambos os contrários, cada uma das irracionais é potência de um único contrário.*”²⁶.

A razão disso é que as ciências e as potências racionais fundam-se sobre noções, ou *lógoi*, sobre apreensões de algo da realidade. Uma formulação mais bem composta indica que isso é assim porque a ciência é a concepção ou apreensão daquilo que se sabe existindo ou presente na alma de quem tem a ciência. Em algumas passagens da *Metafísica*, Aristóteles indica que o que é apreendido pelo *lógos*, este termo com o sentido de princípio racional capaz de apreender algo da realidade, é a forma, o *eídos*, de cada coisa²⁷ que permanece na alma do artífice (‘na alma’ de indicar, como estamos argumentando, no *lógos* do artífice) e a forma entendida como a essência de cada coisa e a substância primeira, considerada sem a matéria. O comentário quanto à natureza da forma apreendida faz parte da exposição em *Zeta 7* do modo como uma ciência produtiva, uma arte, segue na produção do objeto sobre uma matéria externa. Em outras passagens, como *Lambda 9*, Aristóteles apresenta o que sucede nos casos tanto das ciências produtivas quanto das ciências teoréticas: “*Na verdade, em alguns casos, a própria ciência constitui o objeto: nas ciências produtivas, por exemplo, o objeto é a substância imaterial e a essência, e nas ciências teoréticas o objeto é dado pela noção e pelo próprio pensamento.*”²⁸.

Nas ciências produtivas, a ciência que se constitui na mente do artífice é a essência e a substância sem a matéria do objeto que será produzido (esta é uma explicação muito próxima da que aparece em *Metafísica Zeta 7*). No caso das ciências teoréticas, o conceito ou a definição, o *lógos*, é a própria coisa entendida e é a ciência dela, ao passo que é também o objeto de cada uma destas ciências, uma vez que elas se ocupam de seres que não possuem matéria.

Nas duas caracterizações estão envolvidos os dois sentidos de *lógos* expostos anteriormente, com um deles significando o princípio que apreende a essência e a forma das coisas e o outro como

²⁶ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1046b 4-6.

²⁷ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1032a 32- 1032b 1.

²⁸ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1074b 38- 1075a 3.

o que é apreendido da realidade, no caso das ciências teóricas, e como o que será produzido pelo artífice, no caso das ciências produtivas. Se atentarmos para a afirmação de Aristóteles em *Metafísica Theta 2*, veremos que o mais fundamental e o que é comum para todas as ciências, sejam elas produtivas ou teóricas, é a apreensão do *lógos* de algo da realidade na alma do indivíduo. “*Isso [a potência racional ser a mesma para ambos os contrários] é assim porque a ciência funda-se sobre noções [lógos] e a mesma noção manifesta tanto a coisa como a sua privação, embora não do mesmo modo: de fato, a ciência é ciência de ambos os contrários, mas prioritariamente do positivo.*”²⁹. A ciência, uma potência racional, consiste no conceito, na definição da coisa existindo na alma do indivíduo. A definição, o conceito, na ciência teórica, é a substância dos entes imateriais que, por sua vez, são o objeto destas ciências, e a forma da coisa, na ciência produtiva, é a substância sem a matéria dos entes móveis que será enformada no objeto material a ser produzido. A forma, o *eidós*, a *próte ousía*, o *lógos* apreendido, são aspectos positivos da realidade com conteúdo real e explicam tanto a coisa mesma quanto a sua privação, só que não da mesma maneira. Primeiramente, faz-se conhecida a essência da coisa mesma e, posteriormente, a sua privação. Por sua própria natureza, a ciência, como apreensão e identificação de algo da realidade, deve se referir ao contrário positivo, à forma, e ao contrário negativo se referir não de acordo com a sua natureza³⁰. Da mesma maneira, a noção ou o conceito apreendido são o contrário positivo e apenas acidentalmente, quer dizer, não em sua essência, expressam o contrário negativo³¹. Como exemplo, temos que a capacidade de enxergar é conhecida pelo conceito que apreendemos de visão e a cegueira, ou seja, a privação da capacidade de ver que alguém apresenta, posteriormente se nos faz conhecida, pois um termo positivo tem como contrário a sua privação. Em *Metafísica Theta 1*, os vários sentidos de privação podem ser resumidos pelas idéias de negação e remoção em contradição com a posse de um atributo. Assim também se pode dizer dos contrários, que um deles é a negação e a remoção do positivo. A contrariedade

²⁹ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1046b 7-10.

³⁰ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1046b 10-12.

³¹ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1046b 12-13.

primeira é dada pela posse e pela privação e todos os sentidos derivados de contrários serão ditos em função deste³². Por isso, podemos dizer que, da mesma forma, o contrário negativo se exprime pela negação e remoção de algo positivo e a privação é como um primeiro princípio entre os contrários³³. Na sentença: “*Com efeito, a noção manifesta o contrário negativo com a negação e com a privação do positivo, porque a privação em sentido primário constitui o contrário, e ela é, justamente, a privação do termo positivo*”³⁴, confirma-se o que acabamos de dizer sobre a privação ser referida como a negação e a remoção e, por extensão, o contrário negativo também ser referido por estes dois aspectos. À exemplo disto, podemos ver a medicina capaz de produzir a saúde por sua própria natureza e capaz também de produzir a enfermidade pela negação e pela ausência da saúde. Assim também pode-se dizer que a substância da enfermidade é a saúde, uma vez que é à ausência dela que é o seu ser³⁵.

Portanto, o que as potências racionais têm de particular e o que as diferencia das potências irracionais é a capacidade de atualizar, ou de agir e de produzir, ambos os contrários. Antes vimos que, no caso das *dynámeis áneu lógou*, potências irracionais, sempre que um portador de uma potência irracional ativa, ou seja, um agente, se encontra com um portador de uma potência irracional passiva, um paciente, em condições adequadas, ocorre necessariamente a atualização da potência ativa sobre a potência passiva, gerando uma mudança por parte da primeira sobre a segunda. As potências irracionais se encontram naquilo que não possui alma e são qualidades físicas nos seus portadores e isso significa um atributo formal de cada um dos envolvidos na ação, os agentes e os pacientes. Vimos que subjacente só é capaz de receber apenas um dos atributos contrários e, assim, não pode ter ao mesmo tempo duas potências contrárias, de acordo com o que diz o princípio de não-contradição. Em

³² ARISTÓTELES; *Metafísica* 1055a 35 e ss. e ROSS, W. D.; *Aristotle's Metaphysics*, vol. II, pg. 242.

³³ Cf. o comentário de St. Tomás à *Metafísica*, §.1791.

³⁴ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1046b 13-15.

³⁵ ARISTÓTELES; *Metafísica* 1032b 3-5.

consequência, é impossível que uma potência irracional produza dois efeitos contrários.

No entanto, as *dynámeis metá lógou*, potências racionais, são princípios de mudança e potência de ação para ambos os contrários. O que sucede de particular a elas é que aquele que as possui também possui o *lógos*, o princípio racional, capaz de apreender o conceito, o *lógos*, de algo da realidade e possui o *lógos*, a forma, daquilo que será produzido. O conceito e a forma residem na parte da alma que tem o *lógos* e alma, que o possui o princípio de movimento. Portanto, as potências que existirem na parte racional da alma serão capazes de produzir ou atualizar ambos os contrários. A passagem seguinte nos confirma isso:

E dado que os contrários não se encontram juntos na mesma coisa, enquanto a ciência é potência dos contrários porque possui a noção [*lógos*] deles, e a alma possui o princípio de movimento, daí deriva que, enquanto o que é saudável produz saúde, o que tem capacidade de aquecer só produz calor e o frio só produz frio, quem possui a ciência produz ambos os contrários. (ARISTÓTELES; *Metafísica* 1046b 15-20.)

O efeito que a potência racional causa é o contrário do efeito causado pelas potências irracionais. O efeito que esta última causa é o correspondente à forma de seu possuidor, que tenta fazer com que aquele sobre o qual age a ele se assemelhe. Como a forma é uma, o efeito deverá ser uno e ele mesmo. Mas, para as potências racionais, a alma reúne as duas possibilidades de efeito a partir de um único princípio: o conceito que se encontra na alma do sujeito. Assim, a alma pode mover ambos os contrários unidos na mesma noção, o positivo e a sua privação, e com o mesmo princípio, a razão³⁶.

³⁶ ARISTÓTELES; *Metafísica* 104b 20-24.

Referências bibliográficas

AQUINAS, St. Thomas. *Commentary on Aristotle's Metaphysics*; tradução de John P. Rowan; Dumb Ox Books; Notre Dame, Indiana; 1995.

ARISTÓTELES. *Categories*; tradução de E. M. Edghill; Oxford University Press; reimpressão na série *The Great Books*; 1952.

_____. *Ética a Nicômaco*; tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim da versão inglesa de W. D. Ross; Col. Os pensadores; São Paulo; Editora Abril Cultural; 1973.

_____. *De Generatione et Corruptione*; tradução H.H. Joachim; Oxford University Press; reimpressão na série *The Great Books*; 1952.

_____. *Metafísica*; Trad. do grego por Giovanni Reale, Trad. do italiano por Marcelo Perine; Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2002.

_____. *Physics*; tradução P. H. Wicksteed e F. M. Cornford; Loeb Classical Library; Harvard University Press; 1957.

MAKIN, Stephen. *Metaphysics Book Θ*; Oxford University Press; 2006.

ROSS, W.D.. *Aristotle's Metaphysics*; Oxford Clarendon Press; Oxford; 1953.

_____. *Aristotle's Metaphysics*; 2 vols. Oxford: Clarendon Press, 1924. Reprinted in 1953 with corrections.

identificação permite evitar a repetição das circunstâncias geradoras de danos estabelecendo-se práticas que visem eliminá-las de modo definitivo.

